

NO CENTENÁRIO DE Bernardin de Saint-Pierre

por PAULO BRAGA

Separados por um pequeno número de meses, dois centenários—o IV da publicação do *Discours de la Méthode* de René Descartes e o II do nascimento de Bernardin de Saint-Pierre,—vieram aproximar nas evocações de toda a gente duas mentalidades diferentes, duas espiritualidades em contraste, duas épocas que parece não terem entre si pontos de contacto, mesmo dois mundos antagónicos. O poeta e filósofo do *Discours de la Méthode* e do *Monde* e o poeta e filósofo do *Paul et Virginie* e dos *Études sur la Nature* constituem duas perspectivas do pensamento humano e, por vezes, dois marcos miliares da evolução desse pensamento. Mas, sempre, duas perspectivas em sentidos opostos.

Recorda-se René Descartes. Análisa-se a sua obra e a sua vida. Sentimo-nos em face de um dos maiores génios do mundo moderno e de uma das vidas mais dignificadas pelas ansiedades de beleza e ideal que a história fixou. A nossa admiração pela obra e pelo homem torna-se ilimitada.

Recorda-se, depois, Bernardin de Saint-Pierre. Lemos mais uma vez o *Paulo e Virginie*. Esse livro que fez chorar duas gerações, que criou uma literatura, que foi uma mensagem dos mundos exóticos ao mundo civilizado de há cento e cinquenta anos, da vida livre e sugestiva das nações distantes à vida repleta de preconceitos e de complicações, sem novidade e sem poesia, de uma Europa conservadora e revolucionária. Reconhecemos o escritor e, com o escritor, uma emotividade aliada a um extraordinário espírito criador. Mas se encontramos o homem, se observamos a vida de Saint-Pierre, cheia de mentiras, cheia de hipocrisia, cheia de ambições sem elevação e de uma espiritualidade subserviente de laçao, uma vida sem grandeza e sem dignidade, sentimos que a nossa admiração desaparece para dar lugar a uma espécie de desgosto por não vermos o autor do *Paulo e Virginie* digno da obra que realizou e da celebridade por ela adquirida.

Recordemos de novo o criador do cartesianismo. Vemos Descartes cercado de adorações. Admiram-no os homens e amam-no as mulheres, desde as que viveram e morreram sem projecção histórica, às que, como a nevrotica rainha Cristina da Suécia, deixaram atrás de si um rastro

resplandecente que ainda hoje atrai os olhares das gerações que se sucedem. Encontramos o filósofo vivendo os seus ideais, não mentindo a si próprio ou à humanidade que o admira, descobrindo nele um facho de luz que rompe as trevas medievais e que, aproximando-o de Bacon e de Galileu Galilei, o considera o fundador de uma nova civilização e de um novo mundo. E, rememorando uma época de ignorância e de fanatismo, com as fogueiras a queimar hereges nas praças públicas, com Galileu a abjurar ante os cardeais e a cumprir penitência por ter descoberto uma verdade anti-aristotélica e anti-dogmática, curvamo-nos num preito de homenagem à memória do filósofo aventureiro e poeta que durante uma vida inteira conheceu os caminhos e as agruras do exílio e das perseguições, embora exílio com horas gloriosas e perseguições por entre admirações sinceras e entusiastas.

Mas já o mesmo não acontece na vida de Bernardin de Saint-Pierre...

Hoje, é certo, a leitura do *Paulo e Virginie* não nos enche os olhos de lágrimas. Mas há, incontestavelmente, neste livro que os nossos bisavós e avós decoraram alguma coisa que ainda sensibiliza profundamente: um perfume de idealismo irradiante, idealismo que é de todos os tempos e que todas as almas sentem ou, pelo menos, compreendem. Dir-se-ia escrito por um ser espiritualmente superior, romântico e doce, poeta, artista e panteísta. A natureza, com as suas cores, com os seus ritmos, com os seus aromas dispersos nas brisas suaves, com tudo que nos dá de mais belo e eternamente sugestivo, perpassa em descrições geniais. E, do mesmo modo que a natureza, perpassam os sentimentos e os ideais. Tudo é harmonioso e tudo é simples. Outrora, numa época em que a vida, conduzida por uma moral sem raízes nas realidades humanas e tornada hipócrita pelo excesso de *maquillages*, era hostil e agressiva, foram esta harmonia e esta simplicidade que eternizaram a obra e o escritor. E são ainda esta harmonia e esta simplicidade que fazem com que o esquecimento não haja lançado um espesso veu de indiferença sobre as páginas onde se encerra tanta poesia, tanto romantismo e tanto ideal. Hoje, como outrora, o *Paulo e Virginie* é uma das mais belas

criações literárias que existem.

Mas, por isso mesmo, não aproximemos da poesia, do romantismo e do ideal do *Paulo e Virginie* os aspectos da vida do seu autor,—porque sofreremos com a desilusão.

Em Saint-Pierre não encontramos o homem superior, como em René Descartes, mas sim um ser por vezes, inúmeras vezes, objecto. Para um mundo embuldo de preconceitos, Bernardin de Saint-Pierre criou páginas e páginas de beleza exótica, abriu horizontes e idealizou uma vida quasi olímpica, fecunda de sonhos e visões radiosas, repleta de quimeras e utopias. Para si próprio, criou a antítese da sua personalidade em toda a sua obra—

onde se exalta a bondade, o ódio às ambições inferiorizantes, o amor puro, ideal e infinito, a vida em face da natureza maternal, tudo que é simples, humanamente simples. Na *Voyage à l'île de France*, nos *Voeux d'un Solitaire*, em todo o *Paul et Virginie*, está a arquitectura de um mundo utópico e de uma alma nobre e idealista... Imaginados por um mediocre espírito.

A-pesar-de tudo, a glória do escritor tem de ser reconhecida, e, ao comemorar-se o segundo centenário do nascimento de Bernardin de Saint-Pierre, nada perdemos se nos curvamos mais uma vez sobre as páginas dos seus livros, em busca de sugestões de ideal que tanta falta nos fazem.

CARTA para longe

por LYGIA

Volta depressa, Amor!

O frio inunda a casa,

Foi contigo o calor...

A distância,

— Este inverno sem fim —

Vai-me roubando a vida e a vontade,

Põe-me fora de mim.

Quanta saúde!...

Se eu pudesse partir

Neste forte desejo,

Se eu pudesse envolver-te

E trazer-te num beijo,

Se eu pudesse matar

O carrasco do tempo,

Voltaria o calor à nossa pobre casa!...

Perto do teu carinho

O meu carinho abraça.

E quando a noite chega,

Lembras-te? Não tenho frio...

Se em minha pele, às vezes,
passa não sei que gélido arrepio;

Arrepio de volúpia, que delícia!

Tu me envolves no subtil calor duma carícia,

E eu deixo-me dormir...

Volta depressa, amor!

Já não sei rir...

Faz tanto frio aqui,

E cada vez odeio mais a sorte

Que assim me faz desesperar por ti!